



Do livro-ilha à ilha-homem

Meditações, de Jamesson Buarque

Elis Costa*

Imagine-se uma viagem que já dura quase sete anos. Ou mais. Imagine-se uma viagem que, há vinte e cinco anos, está em movimento. Imagine-se que é um poeta quem carrega as bagagens, vez ou outra esvaziadas e recompostas, vez ou outra por coisas antigas que retornam, coisas inteiramente novas, ou coisas que nunca existiram. O que nós, leitores, na sorte de encontrá-lo, perguntaríamos a esse poeta? O que trazes nas malas? Onde estás, para onde vais? É encerrado o percurso? Existe um?

Pensamos na viagem como texto. A tentativa de perfazê-la exige um caminhar por entre terreno ora sinuoso, ora plano, ora montanhoso. Por vezes, exige ainda um não-caminhar, mas um saltar – com e sem gravidade –, pois que o terreno se ausenta dos pés. A essa tentativa, Jamesson Buarque nos convida, com palavras cuja ondulação sintática e sonora tem nome – *Meditações*. Talvez estas também sejam, ao poeta mesmo, convite a uma tentativa. Tentativa de quê? O que os poetas de nossa época trazem em suas bagagens?

Em um aforismo de Kafka que pode ser encontrado na coleção comumente chamada de *Aforismos de Zürau*, encontra-se a seguinte passagem:

* Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Foi dada a eles a escolha de tornarem-se reis ou mensageiros de reis. Como crianças, todos queriam ser mensageiros. Por isto, não existe nada além de mensageiros, que se perseguem pelo mundo e gritam uns para os outros a mensagem que se tornou sem sentido, já que não existem reis.

Peter Sloterdijk, por sua vez, em *O sol e a morte*, afirma que o escritor, hoje, entra em cena recorrendo, como regra geral, apenas à sua “própria experiência”. Destituído do cargo de mensageiro do absoluto, concedido pela graça de algum rei ou algum deus, o escritor é aquele indivíduo “com ouvido para as detonações do nosso tempo”. Saber ouvir o detonar de nossa época é o imperativo conferido ao poeta, que, diante de seu público, apresenta como único recurso sua própria experiência – com o silêncio, o ruído, a explosão.

O que lemos nas *Meditações* de Jamesson Buarque são ouvidos que viram (veem) alguns breves momentos em que, na tela em branco de nosso tempo, dispararam-se pinceladas de tinta. O que ouvimos são leituras da experiência mesma do autor diante do disparo. Capturar detonações de nosso tempo não é fotografar constelações, mas ter mil e um ouvidos para ouvir estrelas que saltam, com e sem gravidade. É possível ao ser humano, porém, mil e um ouvidos? Falamos, então, de tentativa, cujo registro, como regra geral, termina em livro. “Tudo sempre acaba em livro, Mallarmé”, repete-se no poema, talvez, de maior fôlego dessas *Meditações* e que é também uma de suas seções: “Canção de Mallarmé”.

Como conta o próprio Jamesson Buarque na “Nota do autor”, a composição completa do livro teve duração de quase sete anos – de março de 2008 a junho de 2014 –, sendo publicado em 2015. Outro dado interessante é que a produção criativa inicial dos textos

não estava ainda vinculada à ideia da formulação de um livro, mas, tampouco, parecia constituir uma coletânea. De todo modo, o que nos chama a atenção é a surpresa com que lemos o primeiro poema das *Meditações*, intitulado “25 anos depois”. Como numa espécie de flashback, somos levados não a oito – praticamente nove – anos atrás, e sim a $\frac{1}{4}$ de vida dos que têm sorte de vivê-la. Ao mesmo tempo que um ouvido nosso se coloca no passado, outro se apresenta no presente, a fim de ouvir o que o poeta traz na bagagem do “depois”.

De início, pode parecer curioso que os poemas de abertura e fechamento do livro sejam, respectivamente, “25 anos depois” e “Revelações”, pois, ordenados assim, parecem estar invertidos sob uma perspectiva lógica. De uma primeira impressão, “25 anos depois” aparenta apontar para um estágio conclusivo da produção criativa, isto é, uma estação final dessa viagem de mil e um ouvidos que são as *Meditações*. Ou ainda, um balanço último de uma experiência poética de vinte e cinco anos. “Revelações”, por sua vez, pela própria semântica do nome, aponta para algo da ordem do inaugural, como se, a partir do título mesmo, o poeta fosse abrir uma espécie de caixa sonora, cujos ruídos serão ouvidos quando os leitores abrirem a página.

Mas essa impressão só faz sentido, de fato, enquanto impressão, valendo ressaltar que em nossa época a impressão é resultado de uma predisposição lógica, ainda que seja para formularmos que “alguma coisa não equivale a”, ou seja, uma ilogicidade. Ultrapassando o impacto inicial e mergulhando nos versos de “25 anos depois”, como se cada um fosse trampolim para o próximo, entendemos por que o poeta opta por colocá-lo como poema de abertura do livro.

Escrever um poema apenas quando
a vida pedir que escreva

E a vida pede, hora ou outra
porque a vida é uma existência que exige poesia

Entendemos por que aqui encontramos menos o que um poeta teria a dizer após vinte e cinco anos de produção criativa e mais o que ele tem a dizer da potência criadora. A palavra “quando” nesses versos é importante. Marca não o tempo de criação – vinte e cinco anos, poderíamos supor –, mas a impossibilidade de uma marca cronológica quando lidamos com a potência criadora.

Quando escrever? Perguntaríamos ao poeta se com ele to-pássemos em sua viagem. De uma de suas bagagens, ele escolheria uma primeira meditação para nos entregar – uma primeira que, possivelmente, teria sido a última a ser escrita. A ela, chamaremos potência do tempo da poesia. Nela, observamos correr uma força dialética, anunciada já no próprio nome do poema, que aponta para o passado e para o presente ao/num mesmo tempo, de modo que qualquer delimitação no modelo do calendário ou do relógio é de imediato suspensa. Essa dialética acompanha, ainda mais profundamente, o cair dos versos. O que, em um mesmo tempo, aponta para o passado e para o presente lança uma flecha para a origem. A potência do tempo da poesia está nesse lançamento.

Quando escrever? A poesia está sujeita ao acaso, às detonações de nosso tempo, “hora ou outra”. E mais, a “hora ou outra” tem a duração da vida, da existência inteira. Um duplo acaso, já que essa duração é justamente a única que não podemos determinar, prever ou controlar, pois não o é possível fazer com sua sombra, a morte. Uma enorme ilogicidade, a maior de todos nós.

Quando escrever? Hora ou outra. Acontece que a vida sempre exige essa hora ou outra. A primeira meditação dispõe-se no livro,

portanto, como uma espécie de prólogo, ou ainda epígrafe do tempo da poesia – quando. O que se segue a ela até “Revelações”, último poema, parece ser o registro dessa “hora ou outra”, ao qual chamaremos aqui de potências da imagem e do som – ou *o que escrever*.

É necessário dizer que dois pontos nos chamam muito a atenção na composição da ponte que estamos tentando traçar entre o primeiro e o último poemas do livro de Buarque. O primeiro é o vigor de suas imagens e seus símbolos, sejam eles ensimesmados ou conjugados em imagens maiores. O segundo é a tensão entre a reflexão – a meditação – e a música, como se, feito cordas vocais, ora vibrassem mais, ora menos. Neste ponto, perdemos de vista se a musicalidade é a base para a reflexão ou se a reflexão faz a base para a música. De toda forma, algo enlaça esses dois pontos (que não estão de modo algum afastados): um movimento dialético, que, aliás, acompanha todo o livro.

Ao longo de suas seções – a saber, “Meditações breves”, “Canção de Mallarmé”, “Eros contra Afrodite”, “Meditação dos dias” e “Depois de hoje” –, vemos esse movimento percorrer a formação dos textos, tanto separadamente quanto em conjunto.

Há, aqui, o contraste, o choque em diálogo entre universos particulares e universos sociais; entre a vida privada e a vida pública; as referências intimamente familiares ao poeta e aquelas de que muitos outros compartilham:

Ilha é livro: uma palavra
Falena feita de mulher forjando a terra
Eva Pandora Lilith Safo e mais
Bem como Cléa e sua fome de fiéis
Por isso a história não desiste:

Mainha nos ouvindo disquinhos
 Amarelo e azul e vermelho e verde
 Histórias de fantasmas e mais folclore
 E contos da saga dos Buarque –
 Vovó Hilda escondida num lago
 O cajado de ordem de Mãe Fana
 E o sorriso de Ismênia num álbum:
 Outro livro
 [...]

A história de uma pessoa é a história do planeta
 Inteiro e arde
 Nasci do batuque de tambores e da transmissão

(“Canção de Mallarmé”)

Há a terra do poeta e terras distantes, antiquíssimas – no
 espaço e no tempo:

Depois de voltar da guerra enriquecido de poesia
 o menino impossível deitou-se na relva
 [...]
 Ele estava na lonjura da distância, onde
 sequer pensamentos, demônios ou um deus chega

(“Outra Troia da outra”)

No quarto de minha casa
 habita cada lembrança
 de casas outras e tantas

No quarto de minha casa
piso, paredes e teto
são de todas as pessoas

No quarto de minha casa
todos de todas as épocas
vivem longe da distância

[...]

Porque lá dentro do quarto
existem pessoas várias
dançando ciranda junto

(“Canção”)

Os mitos, as histórias banais e fugazes. O que é da ordem da
meditação horizontal e o que é do imergir existencial.

Não apenas de borracha, de horário e de farpas
os dias são feitos. Os dias também são feitos
de histórias alheias, de amores, de tropeços

[...]

Todos os dias a vida atual vive de vitrine
O cenáculo político faz expediente
em agências de publicidade, enquanto
o rio mais caudaloso e ramificado se espraia
em redes sociais, blogs, SMS, Whatsapp e sites

(“Meditação dos dias”)

A natureza e a cidade: “Agora tudo tem a ver com bichos”, “Agora tudo termina neste bestiário sem-fim” (“Bestiário”). “Cidades têm ossada de sangue”, “Cidades têm medula de tempo” (“Das cidades”). Objetos concretos, símbolos abstratos; imagens do cotidiano, imagens do espírito: “Perdidos, habitamos ruína / e as ruínas deixam a saudade à espera de hora inexistente” (“Ainda Marabá”). “E trabalhamos inclusive enquanto descansamos / porque deitamos depois da TV após o expediente / sofrendo o trabalho que devemos cumprir amanhã”, “De tanta cegueira ceguei meus passos numa xícara de café / Quando olho para meu aparelho preto de celular / que vejo eu senão ele e sua ilusão das horas?” (“Meditação dos dias”).

A cegueira e a visão, o grotesco e o belo: “Descobri-me hoje muito obtuso / ou mais do que por dentro / por fora uma barata”, “Portanto e no entanto, resta / entre os dedos gestos de bosta” (“Meditação dos dias”). “dentro de vidro em amálgama de estanho / como no Vênus e Cupido, de Rubens” (“Eros contra Afrodite”).

Da extensão e da contorção; o ceticismo e a crença; ironias e lirismos, sarcasmos e melancolias; dos encontros e dos desencontros; das despedidas e das esperanças; da ausência e da presença; do próximo e da saudade; da memória e do esquecimento; do que está aí e não mais está ou nunca esteve:

De deitar-se a acordar, tê-la nos olhos
dentro deles – adiante: paisagem com fantasma
sem carne nem ossos, página de álbum
Nos dedos, apenas o vazio em sua transparência
Na distância, lembrança sem carne
este feito de a ausência alongar-se
[...]

De pensar: isto é como a tesoura corta o que havia se costurado
mais tarde a memória alicerça tudo no pretérito
e mais-que-perfeito, a calar qualquer retorno
É como navegar para sempre e parar
sabe-se lá onde, mas onde não há ilha nem porto
e o continente: coisa de outrora, casa sem forma
Ainda aquele aroma, inclusive nas roupas
mas a lavanderia o apaga a cada hora hodiernamente
[...]
O que poderia ter sido, não foi, e a morte avisa que se avizinha
Se pudesse, viveria na última madrugada de domingo

(“Da distância”)

Poderia acusá-la de estar ausente
de locar-se depois das nuvens
de pulsar nas horas em que não suo
Mas ela não é o único fantasma desta história
[...]
Porque somos colmados de vivência
jamais poderei acusá-la de estar ausente
muito menos de que me falha
Sei: na extensão da distância, visitamo-nos
seja transgredientes ou abstratos

(“Da saudade”)

O pequeno e o gigante; o silêncio e a explosão; o mundo dos vivos e o mundo dos mortos: “Atente-se nisso todas as gentes / di-

ferentes pelo líquido dos instantes / Sobretudo, prevalecem cabeças / abladidas de veias em basto silêncio”, “Outro retrato que tive nem conta / se não houver isto de por equilíbrio / entre quem respira e já nem vive” (“Patchwork”).

O sentimento e a reflexão; a Arte e a Filosofia; Deus(es) e a História: “não há Deus nem sua exata inexistência” (“Ex Lucis”). “A história sempre acaba em livro” e “A poesia cabe em tudo” (“Canção de Mallarmé”). Do antigo e do contemporâneo; do passado e do presente:

Passadas algumas eras, dois minutos ou uma década
e dilacerada toda gente da coluna à cabeça
o menino impossível despertou num cemitério
estranho à mudez – era um cadáver dentro de casa
[...]

(“Outra Troia da outra”)

Ou o que disseram a Odisseu as sereias
não é mais do que disse Hitler
imediatamente antes de seu suposto suicídio
Ou se Maiakovski se matou ou foi morto

(“Meditação dos dias”)

O pensamento. A política. O que é do poeta – a experiência individual – e o que é de todos nós – nossa época.

As *Meditações* de Jamesson Buarque vibram com ânimo mil e uma detonações, oferecendo-nos uma hiperdimensão espaço-temporal. Para recebê-la, é preciso ter ouvidos atentos, determina-

dos. Ou melhor, o poeta nos convida, simplesmente, a ouvir. Uma exigência, aliás, que se coloca como imperativo ao escritor de nosso tempo, este tão absorto em indiferenças. Ouve quem tem fôlego e coragem. Nesse movimento dialético, incessante na meditação, que é um sair de si para ouvir o que é de todos e ouvir o que é do outro para ouvir-se a si mesmo, através/por si, o poeta parece estar em busca do encontro com ele próprio, que passa, evidentemente, pelo encontro com o outro – e vice-versa, sendo esta uma busca dialógica. Há duas passagens famosas de Saramago, em *O conto da ilha desconhecida*, que imprimem de modo cirúrgico o movimento que vemos se desdobrar e expandir nas *Meditações*. São elas, na ordem de aparecimento no conto:

E tu para que queres um barco, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado, com sofrível comodidade, na cadeira da mulher da limpeza, Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura, Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida, A quem ouviste tu falar dela, perguntou o rei, agora mais sério, A ninguém, Nesse caso, por que teimas em dizer que ela existe, Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida

[...]

O filósofo do rei, quando não tinha que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo o homem é uma ilha, eu, como aquilo não era comigo, visto que sou mulher, não lhe dava importância, tu que achas, Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós

O que o poeta, quando embarcou há vinte e cinco anos em busca de sua ilha desconhecida, viu e conheceu? “Da sacada do apartamento – / como se de um observatório”, algo “revela-se e logo se esconde / Revela-se aqui da sacada / mesma, e se esconde dela própria”. Estes são versos do poema que fecha o livro de Buarque – “Revelações” –, para nós, um dos mais belos e impactantes das *Meditações*. Nele, parece estar congregado o mosaico dialético de imagens e sons que percorrem todos os outros textos. Como se de um observatório, o poeta tem a oportunidade de vislumbrar não uma, mas inúmeras revelações – uma constelação de quadros, tatuagem de tintas, álbum de estrelas, que caem com e sem gravidade. A diversidade de assuntos e situações, conteúdos e formas, imagens e sons – “congregam-se a tudo existente”. O que se viu, ouviu, desconheceu e conheceu:

as coisas e os micro-organismos
o brilho de estrelas pretéritas
o luzeiro do sol, ainda
que a hora badale madrugada
o ir e vir dos ônibus e
o entre rapidez e demora
o amor, seu sono e suas drogas

cães que passam, farpas e traças
nas gavetas e guarda-roupas
os mitos que restam à história
incluindo nisto o dinheiro
a angústia e a ausência de paz –

Enfim, livro.

num todo de tudo num instante
de continente e conteúdo
expostos, simultaneamente
em carne e sangue e vãos e em ossos
absoluto o próprio absoluto
revela-se e logo se esconde

Optamos por chamar esse instante das *Meditações* de potência do encontro. Entendemos que, aqui, o que se revela e logo se esconde, quando o próprio absoluto é absoluto, é a poesia em sua potência. Mas, por que então encontro? Porque, da sacada, quando, como quem tem a experiência com um relâmpago, é atingido pela energia do clarão, o poeta pode finalmente enxergar, por um brevíssimo momento, aquela exigência da vida. Aquela “hora ou outra” milagrosa, em que a poesia revela e revela-se. Nesse instante fugaz, o poeta, feito de poesia, encontrando-a, encontra-se, vê-se de frente. Olha-se de perto, no luzeiro do sol, ainda que badale a hora da madrugada. Porque o poeta, como a poesia, é um vaga-lume que irrompe na espessura pesada da noite. E o livro é a tentativa, sempre em movimento, de se ouvir esse feixe de luz, que, num piscar de olhos, no instante seguinte,

desaparecerá. Da sacada se revela, nela própria se esconde. Assim são também os encontros.

O que resiste ao encontro? O que ainda “existe aí”, apesar de sua perda? A rosa. Como a drummondiana, a rosa de Buarque é o elemento de resistência, “porque nunca / é estranha a nada”. Como os ouvidos do poeta, nunca estranhos a nada.

como uma rosa, porque nunca
é estranha a nada – pode ser
feita de plástico ou de pétala
suporta chuva e outonia
presenteia a pessoa amada
ou simplesmente existe aí

Jamesson Buarque é um poeta de nosso tempo. Ligado à sua/nossa época, entra em cena diante de seu público ligado à sua própria experiência. Esta é a maior dialética das *Meditações*. Ler essa última obra de Buarque é ter a exata sensação de também nos encontrarmos em nossas sacadas, debruçando-nos quase ao abismo a fim de ouvir os ruídos e sussurros, tão sufocados, de nosso tempo. Fragmentos de uma época do mundo fragmentada, melhor, de mundos fragmentados. Ruídos que obsessivamente, fantasmagoricamente, retornam, hora ou outra, porque a vida sempre os exige, já que ela não basta. Fugazes, logo desaparecem nos dias breves dos homens breves. Mas, se o que restou ao poeta é a brevidade dos encontros, e a partir dela, nela própria e para ela, ele produz a rosa, que preservemos ainda a coragem, a atenção e a astúcia para poder vê-la romper o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio. Ou simplesmente presentear, com ela, o amor.